

Manuela Margarido: uma poetisa lírica entre o cânone e a margem¹

Inocência Mata¹

Era necessário pôr o homem de pé – não
era só o homem africano.
(Manuela Margarido)

No dia 08 de março de 2004, um grupo de cidadãos são-tomenses entendeu que a data do Dia Internacional da Mulher seria uma ocasião simbólica para homenagear Manuela Margarido, mulher são-tomense de que se conhece a vertente cívica e poética, sobretudo poesia *engagée*, aquela que constitui parte do *corpus* fundacional do sistema literário são-tomense. Coube-me, nessa sessão², fazer a apresentação da mulher-poetisa e tal “tarefa” deu-me particular prazer, por se tratar de uma mulher nascida na ilha do Príncipe – ilha que constitui a minha mátria, pois é a terra da minha avó materna, de quem herdei o nome, mas certamente não a *sageza*...

Nascida na ilha do Príncipe (em 1925), Maria Manuela da Conceição Carvalho Margarido cresceu entre as ilhas (de onde saiu muito pequena) e Portugal, onde se fixou definitivamente para continuar os estudos secundários. Em Paris, onde viveu durante vinte anos, foi responsável pela Biblioteca da Sorbonne, tendo aí também estudado Ciências Religiosas, Sociologia, Etnologia e Cinema. Hoje residente em Lisboa, foi, nos anos 80, embaixadora de São Tomé e Príncipe junto de organizações internacionais (como a UNESCO e a FAO) e de países da então CE – Comunidade Europeia e, de regresso a Portugal, há mais de uma década, foi assessora do então presidente Mário Soares. Autora, até 2007, de um único livro de poesia, *Alto como o Silêncio*³, publicado em 1957, Manuela Margarido tem também poesia dispersa nos anos 60 e 70, para além de artigos sobre a literatura são-tomense, nomeadamente sobre Caetano da Costa Alegre e Francisco José Tenreiro, dois outros nomes fundacionais da literatura são-tomense.

Se já em 1942 o livro *Ilha de Nome Santo*, de Francisco José Tenreiro, anunciava um sistema literário – de que faria “prova”⁴ a antologia *Poetas de S. Tomé e Príncipe*, prefaciada pelo português Alfredo Margarido, então marido da poetisa, e publicada em 1963 pela Casa dos Estudantes do Império -, poetas houve que inscreveriam sua escrita num projeto claramente nacionalista, poetas que Manuel Ferreira incluiu no “núcleo dos que vieram depois” (1988: 447). Poetas como Manuela Margarido, Alda Espírito Santo, Tomás Medeiros e, apesar de mais velho, Marcelo da Veiga vincularam a sua poesia a uma ideologia estética que tanto intentava a construção de uma identidade cultural, a erigir-se nacional, como realizava um discurso de combate social, anticolonial, denunciador da exploração colonial, da precariedade socioeconômica, devido ao sistema da roça (e da monocultura do cacau e do café), do regime do contrato e do drama dos contratados desenraizados e obrigados a ficar numa terra em que se sentiriam (duplamente) marginais⁵. É nessa poesia, a do “poetas da Casa dos Estudantes do Império”, que se pode reconhecer como o *corpus* fundador da são-tomensidade (ou santomensidade) literária, que é consensual

localizar a poesia de Manuela Margarido: uma poesia comprometida com o ideário de luta anticolonial e de crítica -social, mas que, simultaneamente, revela a dimensão particularizante da *insula* africana, através da evocação a sua fauna, da flora, da infância e dos usos e costumes; uma poesia em que a *mátria* se sobrepõe, por vezes, à pátria, como nesses poemas “Memória da ilha do Príncipe” ou “Socopé”. Oicamos este último poema:

Socopé

Os verdes longos da minha ilha
são agora a sombra do ocá,
névoa da vida, nos dorsos dobrados sob a carga
(copra, café ou cacau – tanto faz).
Ouço os passos no ritmo
calculado do Socopé,
os pés-raízes-da terra
enquanto a voz do coro
insiste na sua queixa
(queixa ou protesto – tanto faz).
Monótona se arrasta
até explodir
na alta ânsia de liberdade.

No entanto, ainda que se considere, com Alfredo Margarido que essa evocação da figura materna não podia deixar de ser complementar à “evocação da grande matriz protectora, que se consubstancia no corpo negro e magnífico da África” (1994: 272), também é verdade que se trata, mesmo nessa celebração da Mãe-África, por via da mãe do sujeito poético, de uma retórica muito mais intimista do que aquela dos outros construtores da são-tomensidade literária, seus contemporâneos: comparem-na, por exemplo, com a retórica verberativa de Tomás Medeiros em “Meu Canto Europa” ou em “Poema” ou com o discurso apostrófico de Alda Espírito Santo em “Trindade” ou em “Onde estão os homens caçados nesse vento de loucura?”. E mesmo que os poemas publicados em 1963 sejam mais programáticos do que os de 1957 – pois se tratava de uma antologia poética da Casa dos Estudantes do Império, cuja intenção era, *a priori*, não apenas estética -, a poesia de Manuela Margarido que faz parte dessa antologia de 1963 era muito intimista na sua intenção combativa, ao fazer do poema lugar de direta expressão dos seus sentimentos (de solidariedade e indignação) e pensamento (a crença na libertação) – mesmo quando denunciava as formas do trabalho forçado nas roças do Príncipe como no poema “Roça”, ou a fratura identitária dos contratados angolanos e cabo-verdianos, como nessesoutro poema “Serviçais” – de que transcreverei a última estrofe:

(...)
Trazem na pele tatuada
a hierarquia das relíquias
alimentando-se de um sangue
desprezado
que elege os magistrados
da morte.
Amanhã os clamores da festa
acordarão as longas avenidas
de braços viris

e a terra do Sul
 será de novo funda e fresca
 e será de novo sabe
 a terra seca de Cabo Verde,
 Livre enfim os homens
 e a terra dos homens.

Porém, estes versos curtos, de ritmo sincopado a sugerir efeito marcial, remetem também, pela convocação do contexto ideológico, para mudanças a nível histórico. A poesia, em Manuela Margarido, não é, pois, “arte solitária”, para a qual os objetos do mundo exterior são, apenas, o impulso que gera sentimentos, emoções e reflexões. É essa tensão entre o mundo interior e exterior na sua poesia que faz da natureza lugar de reconstrução espiritual e identitária, como no poema “Paisagem”, em que a poetisa recorre à contemplação da natureza para nela fazer diluir o peso da realidade, quase na contramão do convencionalismo estético da época. Assim, depois de referir a beleza do entardecer (que acentua o reluzir da pele do negro), a explosão de cor e sons dos papagaios, o brilho multicolor das palmeiras, dos coqueiros e das ostras, o poema termina com a voz serena que se detém na mansidão da sua angústia, pelo fato de o mundo dos homens ser tão diferente **do** da natureza:

Paisagem

No céu perpassa a angústia austera
 da revolta
 com suas garras suas ânsias suas certezas.
 E uma figura de linhas agrestes
 se apodera do tempo e da palavra.

A natureza adquire, mesmo na poesia contestaria de Manuela Margarido, uma contaminação de pendência romântica – como se nela, a natureza, a poetisa procurasse compensação para as imperfeições da sociedade. Há nessa poesia uma apetência para a libertação da memória, de forma evasiva, confundindo-se esse gesto com a função ideológica da escrita libertária, como neste poema de rememoração de um tempo passado, ou que é representado como passado, de nostálgica inconsciência:

Memória da ilha do Príncipe

Mãe, tu pegavas charroco
 nas águas das ribeiras
 a caminho da praia.
 Teus cabelos eram lemba-lembas
 agora distantes e saudosas,
 mas teu rosto escuro
 desce sobre mim.
 teu rosto, liliácea
 irrompendo entre o cacau,
 perfumando com a sua sombra
 o instante em que te descubro
 no fundo das bocas graves.
 tua mão cor-de-laranja
 oscila no céu de zinco
 e fixa a saudade

com uns grandes olhos taciturnos.

(No sonho do Pico as mangas percorrem a órbita lenta das orações dos ocás e todas as feiticeiras desertam a caminho do mal, entre a doçura das palmas).

Na varanda de marapião
os veios da madeira guardam
a marca dos teus pés leves
e lentos e suave e próximos.
E ambas nos lançamentos
nas grandes flores de ébano
que crescem na água cálida
das vozes clarividentes
enchendo a nossa África
com sua mágica profecia.

Inconsciência de um tempo de “descuidada meninice”, cuja rememoração ajuda a suportar o peso do presente e a driblá-lo, inscrevendo-o como força conservadora de identidade individual e, através dessa força – quase vital para que, como Manuela Margarido, viva “exilado” culturalmente -, refazer a possibilidade de harmonia, pois que, “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstituir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho” (Bosi, 1999: 55). Daí que se possa dizer, desta poesia de Manuela Margarido, que, se “a poesia lírica opera com as vivências facilmente consciencializáveis”, a possibilidade de “chegar à consciência nem sempre depende das vivências em si, mas do poeta que as possui” (Moisés, 1989: 234).

Numa altura, portanto, em que o *leitmotiv* poético se construía com signos de resistência revolucionária, o sujeito da poesia de Manuela Margarido enceta uma observação a partir de uma fratura no tempo e no espaço, ao harmonizar a visão pessoal da realidade exterior e a sua afetividade com a busca na natureza de elementos para a fundamentação da sensibilidade, primeiro subjetiva e, só depois, nacional, ao mesmo tempo que enceta uma intenção identitária pela expressão de uma vivência cultural. Sendo Manuela Margarido um dos nomes construtores da são-tomensidade literária, é também autora de uma poesia lírica muito marcada pela intimidade de uma afetividade cultural.

É essa vertente da poesia de Manuela Margarido que é sempre relegada para um lugar secundário da sua produção poética. Vista sobretudo como poetisa da são-tomensidade (literária), por imperativos de ordem nacionalista, a poesia do seu primeiro livro, *Alto como o Silêncio*, não tem despertado nos estudiosos das literaturas africanas e, particularmente, da literatura são-tomense – *mea culpa!* – atenção suficiente, pela dimensão interiorizante da sua escrita. Razão pela qual é interessante perseguir essa vertente da sua escrita poética, que é mais universalizante do que nacionalizante – não querendo, com isso, significar que ambas as dimensões se excluam ... Não se trata, portanto, de subvalorizar a dimensão contestatária da poesia de Manuela Margarido. O que pretendo é, tão-somente, como bem equaciona Constância Lima Duarte, numa reflexão sobre “História Literária das Mulheres: um caso a pensar”, “elucidar os problemas estéticos, questionar os cânones estabelecidos das hierarquias de qualidade, para que se proceda ao reexame dos princípios e métodos que têm formado nossos juízos” (1994: 114). Na verdade, torna-

se imperioso, conhecendo poemas anteriores de Manuela Margarido, como os de *Alto como o Silêncio*, proceder a uma revisão crítica dos códigos literários e ideológicos em que se insere a obra desta poetisa são-tomense e compreender anão inclusão de muitos dos seus poemas nas inúmeras antologias que se foram organizando ao longo dos tempos.

Alto como o Silêncio, que reúne vinte e três poemas não intitulados e não datados, foi publicado dentro da coleção neo-realista “Cancioneiro Geral”, de Lisboa, tal como antes, em 1942, Francisco José Tenreiro havia publicado *Ilha do Nome Santo* na série editorial neo-realista “Novo Cancioneiro” (1941 – 1944). Na verdade, trata-se do vigésimo volume da coleção. No entanto, diferentemente do livro do poeta de “Coração em África”, este não é um livro *programático*, no sentido em que a sua estética não indicia evidente preocupação sociocultural, pela qual o indivíduo é tomado como parte de um todo, não desvinculado da dinâmica social; nem tampouco este livro de Manuela Margarido se revela seminal – tal como o foi *Ilha de Nome Santo*, essoutro livro do seu compatriota que foi seminal da poética tenreiriana, do questionamento do seu autor, como cidadão, intelectual, investigador e poeta, e do sistema literário nacional, no sentido em que historiadores da literatura brasileira, como António Candido e José Aderaldo Castello, utilizam a distinção conceptual entre sistema nacional e manifestações literárias⁶.

Diferentemente, porém, *Alto como o Silêncio*, escrito quando a poetisa tinha 32 anos, revela-se, isso sim, como um livro de silêncios contidos, de interiorização, de contemplação: é poesia lírica na sua mais intensa pungência – poesia que canta o amor, a solidão, o abandono, que tece considerações sobre a condição humana, inquietações sentidas como indivíduo, enquanto denuncia um desesperado desejo de evasão interior. Talvez seja por isso que a própria autora diga na entrevista já citada a Michel Laban, que, apesar de, já naquela altura (1957), ter “poemas africanos”, não quis publicá-los, tendo preferido, em vez disso, publicar “poemas europeus”, isto é, “que não tinham referência alguma sobre África” (Laban, 2002: 125), interrogando-se ainda, na mesma entrevista, sobre a sua nacionalidade literária:

Interrogo-me muitas vezes se sou uma escritora portuguesa ou africana. Acho que sou africana, porque os problemas do meu país e de todo o continente africano me interessam enormemente, mas também não sou indiferente ao que se passa em Portugal. Vivi lá muitos anos, passei grande parte da minha infância e a minha juventude em colégios portugueses e religiosos. De maneira que mesma me interrogo: “O que é que eu sou?” (Laban, 2002: 119)

Seja como for, pela sua ambivalência identitária – ou, dada a própria característica do “gênero lírico”, pela ambiguidade da expressão ou por opção intelectual, a verdade é que, nos anos 50, já o movimento do neo-realismo, de que a poesia nacionalista africana é tributária, iniciava o tal movimento pendular que caracteriza os sistemas literários, “ao ritmo do qual a poesia portuguesa se vem renovando em cada nova década”, na expressão de Nuno Júdice (que, aliás, retoma Theodor Adorno, nas suas reflexões).

É que, apesar de se tratar de uma série editorial de neo-realismo, note-se que já nessa altura – finais dos anos 50 – o programa ideológico-estético daquele movimento

convergia para outras formas de pensar o Mundo – como, por exemplo, o existencialismo. Na verdade, a poesia de Manuela Margarido, particularmente a de *Alto como o Silêncio* (mas não apenas), revela uma preocupação com o “ser das coisas”, com o “ser para si”, e intenta a descrição dos dados da sua existência – e isso, como já disse, a propósito da poesia do angolano Ernesto Lara Filho, numa altura em que “a literatura africana se construía pela coletivização dos sentimentos – dores, amarguras, revolta, esperança e aspirações – que a voz do poeta, o porta-voz do povo, assumia: quando a certeza e a esperança constituíam a matriz da *escrita performativa* (aquela que age dizendo: isto é, que ao dizer estava a fazer).” (Mata, 1997:215). Leia-se, pois:

I
 Penetras secretamente
 na realização aerodinâmica
 dum mundo transparente
 onde desembocam as cores
 dos rostos amargos,
 verdadeiramente necessários.

Coroado de espinhas,
 és um ouriço circulando no ventre da noite,
 procurando
 a solução embaladora
 na chuva de espelhos noturnos.

E com ritmos férreos
 és o sentido íntimo de enlaçar a tarde,
 estendendo os músculos das recordações de infância
 através da poeira que cresce nos jornais do dia,
 ilustrando os milhares de problemas
 das viagens dialogadas
 (*Alto como o Silêncio*)

Pode-se dizer-se, por isso, que a poesia de Manuela Margarido, mesmo sendo de extração sócio-histórica, é mais lírica do que épica, se considerarmos a insistência na pessoalização dos sentimentos, funcionando os seus poemas como verbalização imediata das inquietações que atormentam a alma da poetisa. Aliás, na observação da realidade, a poetisa privilegia a imaginação e a sensibilidade: a sua poesia fala do social por via do sentimento da saudade da mãe, da nostalgia da terra natal, dos tempos da infância, das cores e natureza da sua ilha natal; porém dores que verbaliza em direção à proporção coletiva, que a inteligência – o terceiro pilar da criação poética, juntamente com a imaginação e a sensibilidade – atualiza. Atente-se no poema “Na beira do mar”:

Na beira do mar, nas águas,
 estão acesas a esperança
 o movimento
 a revolta
 do homem social do homem integral
 (...)
 A terra é nossa,

guarda a marca dos nossos pés,
 está empapada pelo nosso suor:
 eis que avistamos a hora rubra do amanhecer
 quando os papagaios se lançam no espaço
 desfraldando uma bandeira ardente
 e no céu cru da ilha a palavra justiça
 ondula

Trata-se de uma poesia em que o enunciador parece vaziar todas as suas angústias, um sentimento de abandono e desejo de evasão da realidade, enfim, “as agudas lâminas do tédio” (XVI). Essas lâminas, quando muito afiadas, levam a um modo elegíaco (poemas IV, XV, XIX: “*Cai a mortalha / de brisas amarelas*”) e a uma semântica de perda e solidão, reveladora de um espírito melancólico que, não obstante, apela à mudança. É que, mesmo num mundo de obstáculos, como neste poema XXI –

No dia em que te foste embora,
 longos navios de silêncio
 encheram a casa,
 tão grande, tão vasta!
 Todos os gatos da vizinhança
 comiam cogumelos
 E varriam as cascatas dos cemitérios
 com agudas lâminas de tédio.
 No cais das horas
 fiquei a esperar-te:
 grande pedra de saudade
 de olhos hirtos.
 Paira sobre mim a presença
 de uma mão pálida
 e sempre uma ave parte:
 nunca sei para onde.

- ou no poema XXII, há o restauro de uma vitalidade que se encontra algures no “ser das coisas”:

Lúcida mergulho na água
 fria água da memória.
 Só o vento, só o vento
 me acompanha.

Não sei até que ponto se pode ver nessa viragem estética de Manuela Margarido – portanto, da poética de *Alto como o Silêncio* (1957) para os poemas então inéditos da antologia da Casa dos Estudantes do Império, *Poetas de S. Tomé e Príncipe* (1963) – a “necessidade imperiosa” da poetisa, à semelhança do que acontece amiúde com os poetas negros ocidentalizados, “de se readaptar ao seu meio ambiente e, ainda, à necessidade complementar de evidenciar a sua presença no mundo, não apenas como indivíduo, mas acima de tudo como elemento de grupo social”, como refere Alfredo Margarido, no seminal prefácio à antologia de 1963 (1994: 273): as imagens então utilizadas são decorrentes de uma vivência europeia – nos elementos de construção metafórica como o Outono, o Inverno (mesmo quando evoca a “ilha”) – e

outros tópicos, próprios de uma poesia iminentemente de interrogação existencialista, e sinais técnico-formais como o verso livre, a inefabilidade dos *topoi* recorrentes, a vaguidade, a tensão interior no relacionamento com o Mundo...

Paira sobre mim a presença
de uma mão partida
e sempre uma ave parte
nunca sei para onde
(XVI)

Porém, o que é relevante é que a poesia *engagée* de Manuela Margarido (aquela de 1963) mantém as estratégias já ensaiadas em poesia anterior, que denuncia uma onda afetiva, uma espontânea expressão de sentimentos, quando observa o mundo – mesmo num poema de interlocução apostrofada, como em “Vós que ocupais a nossa terra”

É preciso não perder
de vista as crianças que brincam:
a cobra preta passeia fardada
à porta das nossas casas.
(...)
Nós nos conhecemos e sabemos,
tomamos chá do gabão,
arrancamos a casca do cajueiro.
E vós, apenas desbotadas
máscaras do homem,
apenas esvaziados fantasmas do homem?
Vós que ocupais a nossa terra?

Manuela Margarido, autora de produção muito escassa, e verdade, é um caso interessante na literatura africana de língua portuguesa pelo género, numa altura em que às mulheres competia o embelezamento do *bouquet*, e pelo equilíbrio entre uma enunciação lírica, do indivíduo que não quer deixar de ser livre (como se fosse uma condenação: não disse Sartre que o homem está condenado a ser livre?) e que quer vazar no verbo a sua experiência do real, e do indivíduo que, por outro lado, não pode deixar de ignorar a *existência*: o sistema colonial e os seus meandros, a ilha e os seus seres e coisas – enfim, como ela própria diria, anos mais tarde, na entrevista de Laban que tenho vindo a citar, pondo “o homem como centro de tudo, e não pôr as diferenças entre um homem europeu e um homem africano” (Laban, 2003: 130). Daí um breve regresso, depois de 1963, a uma temática mais ontológica, à religiosidade dos “Dois poemas quase religiosos”, publicados na revista *Colóquio* de 1977 (transcritos no final deste texto). Afinal, a poetisa continua, nestes poemas, a trilhar novas formas de conhecimento, desinstalando os limites de sua estabilidade vivencial (Grünewald, 2000: 124), insatisfeita com o universo (fechado?) da sua linguagem anterior e ficando – ainda José Lingo Grünewald – “em estado de graça para incorporar vivencialmente o absurdo e conhecer o absoluto, o seu absoluto” (*ibidem*). Um absoluto que é manifesto nos seus anos de silêncio e de deslocamento...

Dois poemas quase religiosos

Nas minhas ilhas

nada escapa à contabilidade dos espíritos
na claridade do dia como na opacidade das noites
espíritos e homens estão ligados
com a força das lianas.

Dêvé é pagar o que os espíritos pedem
com suas vozes silenciosas
insistentes
quando na noite despertam as vegetações
mais tensas e mais opulentas
cheias de gestos de palavras de desejos

Se os espíritos pedem comida e tabaco
com seus movimentos oscilantes
é para manter viva esta comunicação
necessária entre os que já partiram
e os que vão chegar,
mensageiros do além:
quando a criança nasce
traz na palma da mão o tangen
roteiro mais do que destino

1. Instalada na encruzilhada
a boneca aberta na madeira do ocá
cria a reversibilidade do tempo
permite o regresso dos que partiram
tão hesitantes que devem voltar
para nos dizer nas lentas horas nocturnas
os segredos mais ousados
os mais eternos
possivelmente os mais dramáticos
quando o homem está colocado
na margem dos rios
perante a alvura cintilante
do ocosso.

2. Tanta doçura
pela vassoura de sete ramos de andala
e penas de galinha!

As sete bandeiras triangulares
desenham a crespura vegetal do mundo:
se os amigos abatem amorosamente o chicote
sobre o teu corpo
é para o abrirem à confiança eterna
dos que nos acompanham do outro lado
da vida e da morte.

¹ Publicado em *SCRIPTA*-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e do Centro de Estudos Luso-Afro-Brasileiro da PUC-Minas, vol 8, n.º 15, 2º sem., 2004. Em 2010, passou a integrar a obra *Polifonias insulares: cultura e literatura de São Tomé e Príncipe*.

² Sessão de Homenagem à poetisa e embaixadora Maria Manuela Margarido, no dia 8 de Março, Dia Internacional da Mulher, na “Associação 25 de Abril” em Lisboa.

³ Na entrevista concedida a Michel Laban, em janeiro de 1985, em Paris, Manuela Margarido afirmou que estava a acabar um romance (Laban, 2002: 127). Porém, desde 1977, ano da publicação de “Dois poemas quase religiosos”, Manuela Margarido não publicou mais nada. A sua obra foi reunida em *Alto como o Silêncio & Outros Poemas* (2007).

⁴ Ver Inocência Mata, “Antologias literárias de São Tomé e Príncipe e o seu papel na afirmação da *são-tomensidade literária*”, in *Diálogo com as Ilhas (sobre Cultura e Literatura de São Tomé e Príncipe)*. Lisboa: Edições Colibri, 1998, pp. 61-65.

⁵ Atualmente, em 2004, cerca de cinco décadas depois, este problema adquiriu proporções alarmantes, com o Governo de Cabo Verde a assumir a liderança do processo de ajuda aos ex-contratados cabo-verdianos e seus descendentes que ficaram *guetizados*, além de totalmente espoliados, nas roças de São Tomé e Príncipe. Porém, embora não se fale disso, nas mesmas situações de total espoliação (e nas mesmas roças), encontram-se também ex-contratados moçambicanos e angolanos e os próprios naturais das ilhas, que têm 52% da sua população a viver abaixo do limiar da pobreza.

⁶ “(...) convém principiar distinguindo *manifestações literárias*, de literatura propriamente dita, considerada aqui um *sistema* de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes numa fase. Estes denominadores são, além das características internas, (língua, temas, imagens), certos elementos de natureza social e psíquica, embora literariamente organizados, que se manifestam historicamente e fazem da literatura aspecto orgânico da civilização. Entre eles se distinguem: a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes do seu papel um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor, (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns a outros. O conjunto dos três elementos dá lugar a um tipo de comunicação inter-humana, a literatura, que aparece, sob este ângulo como sistema simbólico, por meio do qual as verdades mais profundas do indivíduo se transformam em elementos de contato entre os homens, e de interpretação das diferentes esferas da realidade”. António Candido, *Formação da Literatura Brasileira: Momentos Decisivos*. 1º volume, Belo Horizonte: Ed. Itatiaia: São Paulo: Ed da USP. 5ª ed. 1975, pp. 23-34.

Referências

ACEI (Associação Casa dos Estudantes do Império), *Antologias de Poesia da Casa dos Estudantes do Império* (1951 – 1963): Angola – S. Tomé e Príncipe, I volume, Lisboa: Edição ACEI, 1994.

BOSI, Ecléa, *Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos*, São Paulo: Companhia das Letras, 7ª edição, 1999.

DUARTE, Constância Lima, “História Literária das mulheres: um caso a pensar”. Constância Lima Duarte (Org.), *Mulher e Literatura no RN*. Natal-RN, CCHLA-NEPAM, Col. Humanas Letras, 1994, pp. 106-114.

FERREIRA, Manuel, *No reino de Caliban II* (Angola e S. Tomé e Príncipe), Lisboa: Plátano Editora, 2ª edição, 1988 [1976].

GRÜNEWALD, José Lino, *O Grau Zero do Escrever*, São Paulo: Editora perspectiva, 2002.

JÚDICE, Nuno. *Apud* João Barrento, “Um quarto de século de poesia portuguesa”. Revista Semear, nº 4, Cátedra Padre António Vieira de Estudos Portugueses, PUC-Rio (1998). http://www.lettras.puc-rio.br/catedra/revista/4Sem_19.html

LABAN, Michel, *S. Tomé e Príncipe: Encontro com Escritores*, Porto: Fundação Engenheiro António Almeida, 2002.

MARGARIDO, Alfredo, “Prefácio” a *Poetas de S. Tomé e Príncipe* (Lisboa, Casa dos Estudantes do Império, (1963), *Antologias de Poesia da Casa dos Estudantes do Império* (1951-1963): Angola – S. Tomé e Príncipe, I volume, Lisboa: Edição ACEI, 1994.

MARGARIDO, Maria Manuela, *Alto como o Silêncio*, Lisboa: Publicações Europa-América, 1957.

MARGARIDO, Maria Manuela, “Dois poemas quase religiosos”. *Colóquio*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1977 (pp. 58-59).

MATA, Inocência, “Ernesto Lara Filho e o Romantismo brasileiro”. *Scripta – Literatura*. Revista do programa de Pós-Graduação em Letras e do Centro de Estudos Luso-Afro-Brasileiro da PUC (BH), vol. 1, n.º 1, 2º sem. De 1997. Republicado em Inocência Mata, *Literatura Angolana – Silêncios e Falas de uma Voz Inquieta*, Luanda, Kilombelombe, 2001.

MOISÉS, Massaud, *A Criação Literária – Poesia*, São Paulo: Editora Cultrix, 11ª ed., 1989.

ⁱ Inocência Mata é Professora de Literaturas, Artes e Culturas (LAC) da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, investigadora do Centro de Estudos Comparatistas (CEComp/FLUL) e diretora do Doutoramento em Português Língua Estrangeira/Língua Segunda. É doutora em Letras pela Universidade de Lisboa e pós-doutora em Estudos Pós-coloniais (Postcolonial Studies, Identity, Ethnicity, and Globalization) pela Universidade de Califórnia, Berkeley. Atua, no ensino e na investigação, principalmente na área dos estudos pós-coloniais, e interessa-se pelos seguintes temas: literaturas e culturas africanas, relações estéticas entre literaturas em português, literatura-mundo, estudos de memória, produção literária de autoria afrodescendente em Portugal e comunicação intercultural. Professora visitante de muitas universidades estrangeiras, é igualmente membro do Conselho Editorial e Científico de muitas revistas de especialidade, nacionais e estrangeiras.